

A CRISE DO SUJEITO MODERNO NA POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Igor França Cordeiro (UERJ)

ig_franca@hotmail.com

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo (UERJ)

carmenlucianegreiros@gmail.com

RESUMO

Em um primeiro momento, o livro “Eu” (1912), de Augusto dos Anjos, foi recebido pela crítica especializada como simples relato biográfico do autor, não obtendo um grande sucesso de vendas em sua primeira publicação. A crítica especializada também resumiu Augusto como poeta da ciência e do pessimismo. Em 1920, Órris Soares, amigo do poeta, retomou a obra com a proposta de revisão da produção do autor, dando-lhe novo olhar e suscitando a investigação dos elementos literários presentes nela. Posteriormente, o título “Eu” foi entendido como similar à alteridade da poesia de Fernando Pessoa e não uma autoafirmação de Augusto dos Anjos. Hoje se pode ler que o “Eu” é uma problematização sobre a tradição poética, além de sinalizar de forma singular a crise do que se entendia por sujeito entre os dois séculos. O poeta mostra a corrosão dos esteios do que constitui o sujeito moderno, expressando assim uma crise da identidade, configurada pela ausência de crenças fixas derrubadas pelos trabalhos de Nietzsche, e outros intelectuais, através da desconfiança nas verdades universais seja no campo religioso, seja ao criticar a construção do saber e da razão.

Palavras-chave:

Poesia. *Belle Époque*. Sujeito moderno. Augusto dos Anjos.

Para captar o que é tematizado na obra *Eu* (1912) e como o poeta reflete sua época de forma crítica, é necessário entender os diferentes tipos de modernidade até que se fizesse compreender o período chamado *Belle Époque*. Os elementos dessa época são resultantes da desconstrução de ideias causada pela corrida cientificista do fim do século XIX. Ela elencou discussões para acompanharmos as transformações no que era entendido por sujeito.

Segundo Gumbrecht (1998), há um período datado pelas grandes navegações e descoberta do Novo Mundo. Essa modernidade é caracterizada pela tentativa de deixar a Idade das Trevas para trás e rumar ao novo. No pensamento a respeito do ser humano há a ideia de tomada de posse do próprio destino. Ele não é mais regido pelo divino e o sujeito passa a ser responsável por suas escolhas e seu futuro. Deste modo, o destino não é mais resultado de uma predestinação ou querer superior. A modernidade é marcada, portanto, por um olhar mais individual e menos coletivo, em que o indivíduo ganha o papel de protagonista do pensamento.

Durante a Modernidade-Renascença, marcada pelo surgimento da imprensa, o sujeito acreditava no caráter representativo do mundo, ou seja, o sujeito acreditava ser alheio ao mundo e capaz de representá-lo da maneira mais objetiva e fiel ao que ele de fato é, portanto, o que ele via era entendido como o fim supremo das coisas.

Já no século XIX, o sujeito perde a total e cega confiança que tinha em si mesmo e passa a entender-se parte do objeto observado, ou seja, o sujeito passa a fazer uma espécie de autoavaliação, reflete sobre si mesmo e como ele, seu corpo, seu estado podem afetar sua observação. Este seria o observador de segunda ordem, segundo Gumbrecht (1998). Se esse sujeito percebe que seu corpo e sua posição podem afetar seus estudos, ele entende que há, então, uma infinidade de possíveis percepções diferentes para o mesmo objeto, mas também de experiências e de representações possíveis da realidade. Isso gera uma espécie de crise de representatividade pela ideia de uma narrativa que pode ser moldada e não mais, total e cegamente, confiável.

O sujeito do século XIX viu que o tempo era um agente absoluto de mudança. Ou seja, isso implica pensar que tempos diferentes não podem ser pensados e comparados de forma semelhante, adotando qualquer parâmetro. Para o século XIX, há a ideia de que o papel do sujeito conecta-se ao tempo histórico.

A segunda metade do século XIX, as artes (principalmente os romances) trouxeram a discussão da crise da representatividade. Posteriormente, com a chegada da fotografia a pintura levaria isso ao ápice durante as vanguardas europeias. Os romances tematizavam, não raras vezes, a queda na crença de uma visão objetiva do mundo. A fotografia trará a falsa ilusão de captura imparcial do mundo, como se fosse o ideal concretizado do que o primeiro observador queria fazer, todavia, ela reproduz, apenas, as circunstâncias às quais ela foi submetida no momento de captura daquele instante.

O século XIX chega com seus muitos avanços tecnológicos e experimentos. Na biologia e medicina as novidades foram reforçadas e incentivadas pelo imperialismo, visto que os impérios precisavam controlar as doenças tropicais, como a malária e a febre amarela, que eram obstáculos para o homem branco realizar suas atividades nas colônias. Há, portanto, evidente união entre ciência, sociedade e política. E este é o ponto crucial para entender a crise da ciência tradicional, pois podemos ver nos cientistas as preocupações sociais e políticas (HOBBSBAWN, 1988).

Um dos elementos mais marcantes dessa transformação pode ser a Teoria da relatividade trazida por Einstein no fim do século XIX, afinal, sua teoria abalaria o que se entendia como imutável desde Newton e Galileu. A teoria de Einstein consiste em dizer que, basicamente, tempo e espaço são relativos e dependem do ponto de vista do observador. O caos que o físico e matemático gerou, levou à trabalhos que buscavam refutar a teoria de Einstein e resultou numa revolução intelectual muito maior do que o próprio Einstein poderia prever (HOBBSBAWN, 1988).

Outro pensador do século XIX que teve forte impacto foi Charles Darwin, que expôs a teoria da evolução das espécies. Os estudos de Darwin abriam espaço para derrubar os últimos alicerces de uma sociedade pautada pela teoria criacionista e o mito fundador da humanidade pelo querer e poder de uma divindade.

No fim do século XIX, com a descoberta da genética, houve certa união entre política (ideologia) e biologia. O vínculo se tornou mais evidente quando surgiu a ligação entre “eugenia” e “genética”. A eugenia “era, essencialmente, um movimento político, em sua esmagadora maioria composto de membros da classe média e burguesia, que pressionavam os governos para que implantassem programas de ações positivas ou negativas visando a melhorar a condição genética da espécie humana” (HOBBSBAWN, 1988). Os eugenistas extremos acreditavam que a condição humana seria melhorada, apenas, através da melhoria genética, ou seja, através da concentração e do incentivo às raças (e classes sociais) de valor – basicamente associadas à burguesia e à raças “adequadamente coloridas, como a nórdica” – e eliminação das indesejáveis – basicamente os pobres, colonizados e estrangeiros impopulares. Já os eugenistas menos extremistas deixavam margem às reformas sociais, à educação e às mudanças ambientais em geral. O que deu base para a validação científica da eugenia foi a genética aliada à retomada da ideia mendeliana de que a reprodução seletiva dos seres humanos era possível gerando, assim, seres humanos inteligentes, evoluídos, adaptados, enfim, superiores (HOBBSBAWN, 1988).

No âmbito social, vemos os estudos de Marx influenciarem o pensamento no século XIX. Seus trabalhos proporcionaram observar o funcionamento da sociedade capitalista e burguesa com seus meios de produção. Na investigação do sujeito, vemos os trabalhos de Freud cujos estudos mostram que o sujeito não é simplesmente o consciente, mas o sujeito é guiado (muito mais) pelo inconsciente do que pelo consciente, de fato.

Já na Filosofia, os trabalhos de Nietzsche oferecem um universo de mudanças impactantes ao pensamento oitocentista, justamente por rebaixar a consciência e nivelá-la ao papel da linguagem, ou seja, ele mostra que é impossível apreender o real. O filósofo trata o conhecimento humano como uma espécie de criação e desperta para um potencial de criação do sujeito. Nietzsche faz uma espécie de alegoria para ilustrar seu ponto de vista sobre a construção do saber “em algum remoto recanto do universo, que se deságua fulgorantemente em inumeráveis sistemas solares, havia uma vez um astro, no qual animais astuciosos inventaram o conhecimento” (NIETZSCHE, 2007). O filósofo abre o livro chamado *Acerca da verdade e da mentira* como se dissesse “Era uma vez” em um conto de fadas. No livro, é como se Nietzsche nos dissesse que a mentira está para a ciência, enquanto a verdade está para a convenção da linguagem, pois é nela que as verdades são construídas. No processo, mostrará como é frágil o que caracterizamos como racional “Aquela audácia ligada ao conhecer e sentir, que se acomoda sobre os olhos e sentidos dos homens qual uma névoa ofuscante, ilude-os quanto ao valor da existência, na medida em que traz em si a mais envaidecedora das apreciações valorativas sobre o próprio conhecer. Seu efeito mais universal é engano – todavia, os efeitos mais particulares também trazem consigo algo do mesmo caráter” (idem, 2007). É interessante que ele traga a imagem da ilusão ou da obscuridade, pois o conhecimento, na cultura ocidental, sempre teve o papel de luz e clareza. Temos o próprio nome de Iluminismo para um período que buscava uma tomada de poder do conhecimento, mas nesse jogo de luz e trevas, Nietzsche ressignifica os termos como verdade e mentira e os coloca quase como equivalentes, afinal, o que é conhecer, senão uma forma parecida com a arte, uma interpretação do conhecimento pelo seu caráter mutável.

A ideia de unidade do sujeito é colocada abaixo por Nietzsche. O filósofo exclui a ideia de uma síntese, pois o que chamamos de “eu” não passa de um pronome. Para isso, ele retoma a ideia de Descartes de “penso, logo existo” em que pressupõe-se alguém que pense, ou seja, que detém o pensamento. E esse existir traduz uma ideia de fixidez ou estabilidade, ele ganha uma unidade. Isso vai contra o pensamento nietzschiano, que diz que o sujeito é composto de múltiplas forças que interagem entre si de acordo com cada situação (MOSE, 2005).

A partir dos estudos e contribuições de Marx, na sociologia e economia; Freud, na psicologia; Darwin, na biologia; Einstein, na física e Nietzsche, na filosofia, as verdades fixas e universais são postas em xeque, uma a uma. As revoluções científicas do século XIX juntas servem para configurar a crise do sujeito moderno. E ao intelectual/poeta resta desejar

que “Meu coração, como um cristal, se quebre;/ O termômetro negue minha febre;/ Torne-se gelo o sangue que me abrasa;/ E eu me converta na cegonha triste/ Que das ruínas de uma casa assiste/ Ao desmoronamento de outra casa!” (ANJOS, 2015).

Augusto dos Anjos trará, em seus poemas, diversas discussões que comunicam-se com os temas elencados acima. Um deles é a forma que o poeta escolhe para abrir seu livro “Sou uma Sombra! Venho de outras eras,/ Do cosmopolitismo das moneras.../ Pólipo de recônditas reentrâncias,/ Larva de caos telúrico, procedo/ Da escuridão do cósmico segredo,/ Da substância de todas as substâncias!” (ANJOS, 2012), diz o poeta em *Mnonólogo de uma sombra*. O poeta poderia ter escolhido uma forma mais próxima de um mito como seria comum à tradição poética, todavia, ele escolhe uma forma extremamente técnica e ligada à ciência. É interessante pensarmos como a ciência torna-se matéria poética aqui, pelo duplo efeito de retirar o leitor de sua leitura passiva; e pelo fato de seduzir esse mesmo leitor pela sonoridade dos vocábulos inesperados. É interessante pensarmos que por mais que a abertura do poema traga vocábulos ligados à técnica, o trecho não perde seu teor quase épico. Como se a sombra estivesse no mundo desde os primórdios e não conhecesse a finitude. Outro fator interessante é a mescla e separação, simultaneas, entre sombra e poeta o que coloca o poeta nessa máscara fosca e diluída, imaterial. A sombra traz em si o aspecto de algo que se constitui por uma unidade perdida e uma constante busca por materialidade e substância que não são mais encontradas. Isso mostra um pouco do sentimento do início do século XX. A sensação de falta de equilíbrio, de perda de algo concreto e estável em que se apoiar.

No mesmo poema, Augusto divide o ser humano em partes como se não houvesse uma unidade e esse sujeito não passasse de um amontoado de órgãos a quem a ciência chama “homem” como vemos em “E o que ele foi: clavículas, abdômen,/ O coração, a boca, em síntese, o Homem,/ – Engrenagem de vísceras vulgares –/ Os dedos carregados de peçonha,/ Tudo coube na lógica medonha/ Dos apodrecimentos musculares!” (ANJOS, 2012).

A ideia fragmentária permanecerá em “As cismas do Destino”, entretanto, nesse poema os fragmentos são a investigação da dor humana. O poeta passeia por diferentes pequenas cenas em busca de decifrar o sofrimento da humanidade. Em “As cismas do Destino”, poema de Augusto dos Anjos, dividido em quatro partes, acompanhamos a reflexão de um indivíduo sobre questões como a dor existencial, o sofrimento no mundo e a morte. O poema apresenta uma gradação da tristeza do indivíduo enquanto sujeito em cada parte. Na primeira parte, o indivíduo se apresenta e introduz

seu tema, mostrando o que o levou àquela reflexão. Na segunda, o indivíduo pensa na fragilidade humana e no sofrimento, aos quais a humanidade está fadada. Na terceira parte, o Destino se dirige ao indivíduo dizendo que ele jamais há de entender as dores do mundo e que a ciência, possuidora da confiança do ser humano como aquela que possui todas as respostas, jamais dará conta de entender a amplitude do mundo. E na quarta e última parte nos deparamos com a incapacidade daquele indivíduo de assimilar aquelas revelações.

Os intelectuais, durante a virada do século sentiram os impactos dos trabalhos de Nietzsche de forma muito mais latente. Com seu discurso “Deus está morto” ele propunha que novas questões se fizessem presentes e que o indivíduo, pautado sob a verdade religiosa, por exemplo, única e absoluta questionasse as verdades já estabelecidas e que eram aceitas de imediato e sem reflexão. O problema é que este pensamento não dava novas verdades para ocuparem o lugar das verdades anteriores, colocando a razão em xeque. É possível acompanhar esse processo, principalmente, em “As cismas do Destino” e “Poema Negro”, de Augusto dos Anjos.

O desespero do sujeito em sua constatação sobre sua condição humana e a incapacidade de lidar com a consciência de um mundo sem respostas prontas e acalentadoras agrava-se em “Poema Negro” e vemos o sujeito buscar respostas para suas questões. No início do poema, percebemos que o lugar pelo qual o poema constituir-se-á é a crítica e da crise da razão “Para iludir minha desgraça, estudo” (ANJOS, 2012). O poeta nos coloca a pensar a respeito da impossibilidade de salvação oferecida pela razão. Como se nos dissesse que ela não salva o sujeito. Nesse poema, o poeta se pergunta “– Quem sou? Para onde vou? Qual a minha origem?” (ANJOS, 2012), acompanhamos, portanto, o jornada desse sujeito em busca da resposta para essas perguntas tão intrínsecas à humanidade. O sujeito recorre à ciência e à religião para responder essas questões, acompanhamos o insucesso da obtenção de uma resposta apaziguadora em ambos os campos. Ao olhar para a ciência e natureza, o sujeito vê seu fim como relacionado ao pó, cadáveres e podridão. A resposta da ciência é objetiva e nada reconfortante. Ao tentar ao buscar a resposta no campo religioso, o poeta vê, unicamente, um Jesus decrépito e digno de pena. Um Jesus que não pôde salvar nem a si próprio, não pode salvar aquele sujeito. Resta ao poeta, unicamente, a arte. Mas a arte leva o sujeito às visões aterradoras desse sujeito.

É interessante perceber que a natureza na lira de Augusto, geralmente, não se apresenta de forma bucólica como seria típico da tradição poética. A natureza apresenta-se como o cemitério, como uma

madrasta, ela lembra-o, constantemente, da efemeridade da vida, além de ser onde melhor podemos perceber a presença do grotesco por meio dos cadáveres e da putrefação.

Na última estrofe do poema, vemos a ausência do sentido no fazer poético e uma poesia que não salva e acabam por levar o poeta à afirmação irônica “Daqui por diante não farei mais versos” (ANJOS, 2012) essa fala é interessante por ironizar a ideia de uma salvação dada pela arte, mas também por trazer uma retórica refinada, pois o poeta faz todas as reflexões acerca da existência através da arte, apesar da impossibilidade de salvação. É a arte que leva o sujeito a ter essas alucinações, é ela que promove a loucura e faz esse sujeito experimentar a desagregação de suas ideias, um sentimento que emerge no decorrer do poema.

O indivíduo sente-se abandonado por tudo o que poderia ser um alívio ou um lugar seguro para suas dúvidas, algo que poderia dar respostas às suas questões. Ao não encontrar essas respostas, e muito pelo contrário, ter suas crenças mais abaladas, o indivíduo vive em tensão sem solução, nisso consiste a crise da subjetividade. A modernidade torna-se desconcertante pelo desejo – e impossibilidade – de fuga do real, pois o sujeito sente-se impotente para crer em algo que transcenda a si próprio.

Bombardeado por todas as mudanças ao seu redor, o sujeito não encontra bases para apoiar-se num mundo que é totalmente estranho para ele, pois o que, hoje, é pensado como incontestável, amanhã pode não ser mais. Assim como as noções de tempo ou o espaço que podem sofrer alterações de acordo com as variáveis de quem observa. A crise do sujeito moderno pode ser configurada pelo fato do sujeito constatar o seu poder criador e como todas essas criações (leia-se, conhecimento) são frágeis. A modernidade retira o sujeito de um local seguro, mas diferente de outros períodos esse sujeito não tem com o que preencher esse espaço. Não há mais um além, um saber fixo e estável. Há apenas, uma grande ruína a ser constatada. Esteticamente, o poeta adotará algumas estratégias para problematizar essas questões, como o culto ao feio que traz elementos que a tradição poética pensava sublimes, por exemplo, o sol, estrelas e a noite que são transformados em manifestações bizarras ou monstruosas, bem como o verme que é chamado até de deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

_____. Obra completa: volume único. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1 ed. 1994.

ALMEIDA, Rogério Caetano de. Paralelas e tangentes: A poética decadentista em Augusto dos Anjos e Antônio Nobre. In: *Revista Crioula*. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBUSP. 1 maio de 2007. Acesso pelo link: <doi:0.11606/issn.1981-7169.crioula.2007.52730>.

ARAGAO, Maria do Socorro Silva de. (Org.). II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA. João Pessoa-PB. Nov. 2014.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In: *Obras Escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUENO, Alexei (Org.). Fortuna Crítica. In: BUENO, Alexei (Org.). *Augusto dos Anjos – Obra completa: volume único*. 1. ed. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1994.

DIMAS, Antônio. A encruzilhada no fim do século. In: *América Latina: palavra, literatura e cultura*, 1994. p. 535-74

FIGUEIREDO, Carmem. Lúcia Negreiros. Augusto dos Anjos: paradoxos da modernidade. In: João Cezar de Castro Rocha. (Org.). *Nenhum Brasil existe – pequena enciclopédia*. v. 1, p. 567-84, 1. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

GESTEIRA, Sérgio. Imagens da turbulência na poesia de Augusto dos Anjos. In: *Matraga*: Rio de Janeiro, v. 21, n. 35, jul/dez. 2014, p. 33-46.

GONÇALVES, A. J. A Estética Expressionista na Pintura e na Literatura. In: Jaime Ginsburg (Org.). *O Expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. Histórico do Expressionismo. In: Jaime Ginsburg. (Org.). *O Expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. O Expressionismo e a dissolução dos valores tradicionais. In: Jaime Ginsburg. (Org.). *O Expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GUMBRECH, Hans Ulrich. *Cascatas de Modernidade*. São Paulo: Editora 34, 1998.

HELENA, Lúcia. O EU e o livro do desassossego: Reflexões em torno de Augusto dos Anjos e Fernando Pessoa. In: *Matraga*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 35, jul/dez. 2014, p. 107-20.

- HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone Petraglia; NUNES, Clarice. *Missionários do Progresso*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.
- HOBSBAWM, Eric. Certezas solapadas. In: *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LIMA, Luiz Costa. Augusto dos Anjos: A origem como extravio. In: *Matraga*: Rio de Janeiro, v. 21, n. 35, jul/dez. 2014, p. 11-32.
- MARTON, S. Nietzsche: consciência e inconsciente. In: *Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*. 2. ed. p. 167-82. São Paulo: Discurso; Unijui, 2001.
- MOSÉ, Viviane. Sujeito Modern. In: *Nietzsche e a grande política da linguagem*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- _____. *Sobre a verdade e a mentira*. São Paulo: Hedra, 2007.
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In: *MANA*, v. 11, n. 2, Rio de Janeiro, outubro 2005, p. 577-91.
- SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: L. Charney & V. Schwartz (Orgs), *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001. p. 115-48
- VIANA, Chico. A modernidade em Augusto dos Anjos. In: *II CONALI – ANAIS*, João Pessoa-PB. Nov. 2014, p. 17-24.